

A Renascença: órgão dos trabalhos da geração moderna (Porto, 1878-1879?), saiu a lume (o 1.º fascículo), em Janeiro de 1878, mas não é consensual a sua continuação em 1879. Este **importante periódico literário do século XIX fez “escola no Porto”**, através dos seus inúmeros colaboradores que debatem entre si as inovações literárias à volta do Naturalismo e do Realismo.

A Renascença publica-se depois de *A Harpa* (Porto, 1873-1876), revista raríssima no mercado livreiro, da qual um dos fundadores foi Joaquim d’Araújo (1858- 1917) que então frequentava o Liceu do Porto e que contava 15 anos de idade. Assim, ***A Harpa* foi um balão de ensaio para *A Renascença***¹, que agora tem **Joaquim d’ Araújo** como diretor.

O título da revista/jornal, pela sua importância, é utilizado como “entrada” em algumas obras de referência. Brito Aranha referencia-o mas com existência apenas em 1878 no Porto e, “colaboração de diversos”. E continua dizendo que “três anos depois a redacção desta revista encetou a **publicação da sua “Bibliotheca”**, com “o número 1, **Os Sonetos de Anthero de Quental**, que este notável dera, em várias épocas anteriores, **aos jornaes *Harpa* e *Renascença*** [11 sonetos], e que sempre foram mui apreciados. Ibi, **na mesma imprensa, 1881 [...]**”².

Na obra *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, a entrada pelo título d’ *A Renascença* informa que a existência deste jornal durou dois anos: “Fasc. 1 (1878) – 1879”³.

A História Literária do Porto através das suas publicações periódicas, de Alfredo Ribeiro dos Santos (ARS), também na entrada pelo título, começa por afirmar que *A Renascença* “**é uma das mais importantes revistas literárias do movimento intelectual português**”. Esclarece que o seu “**subtítulo – Órgão dos Trabalhos da Geração Moderna – é evocativo do Programa dos Trabalhos da Geração Nova**”, obra que **Antero de Quental “tinha a intenção de publicar”**. Este investigador diz ainda que *A Renascença* “**é dirigida de Lisboa por Joaquim de Araújo que aí frequenta o Curso Superior de Letras, onde Teófilo Braga é o seu mentor. J. Pinto Barbosa é**

¹ *A Renascença* encontra-se encadernada numa *Miscelânea*, na 1.ª posição, com os títulos: *Ribaltas e Gambiarras: revista semanal* (1880?); *A Mulher* (Porto, 1879), *Revista de Arte e Crítica* (Porto, 1878) e *O Académico; revista quinzenal litterária* (Porto, 1878). Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa (Compra).

² ARANHA, Brito - “Renascença (A)”. In *Diccionário Bibliográfico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896, Tomo Decimo Oitavo (Decimo primeiro do suplemento), p. 262.

³ RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela (coord. e org.) - *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XI*. Vol. II. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998- 2002, p. 228.

⁴ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – “A Renascença”. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 85.

o **Administrador** [d'A *Renascença*] ”. Mais à frente, ARS diz que “A *Renascença* distingue-se também pela sua qualidade gráfica. Com o formato *in-quarto grande*, impressa a duas colunas, saiu das oficinas da **Imprensa Portuguesa**, sita na Rua do Bonjardim n.º 181 no Porto. Foram **publicados apenas 10 números em 5 fascículos**, perfazendo 180 páginas. **O último fascículo tem a data de Outubro de 1878**, mas foi distribuído muito mais tarde.”⁴

PROGRAMA EDITORIAL

A abrir, o artigo dirigido “**Ao Leitor**”, assinado **por Joaquim d’ Araujo** que o data de **1 de Janeiro de 1878**. Esta data é **utilizada para catalogar o início d’ A Renascença**. Isto porque, na sua primeira página, o único cabeçalho apresentado, antecede o primeiro texto e, apenas inclui o título e o subtítulo além do nome do diretor da publicação.

Joaquim d’ Araújo, neste seu primeiro texto, depois de historiar “a revolução do Romantismo”, afirma que “**com a morte de Garrett**” [1854], **a literatura portuguesa “chegara a um estado de marasmo que era preciso romper”**. Mais, diz que “**esse papel coube a Theophilo Braga e Anthero de Quental** [colaboradores d’ *A Renascença*] – devemos-lhes esse grandíssimo serviço. Foram eles que sós e desajudados, iniciaram essa lucta, que não era, como erradamente se julga, entre coimbrões e lisboetas, mas sim entre o privilegio e o espirito novo, entre a Musa que tinha por ideal a Humanidade e a que batia palmas nas libações dos outeiros.” Mais à frente reitera que “todo este movimento de renovação é devido à Carta *Bom Senso e bom gosto* e *Theocracias literárias*, panfletos onde Castilho é porventura julgado com severidade”.

É só no último parágrafo que se revela o **programa editorial de A Renascença**, que “**aspira a ser o órgão dessa renovação**, como o *Panorama* o foi da revolução literária que produziu um dos grandes artistas e um dos grandes pensadores [Alexandre Herculano (1810-1877)] que neste século surgiram entre nós. O *Panorama* tinha por fim o copioso derramamento de conhecimentos uteis; a *Renascença* vai mais longe – **quer representar a época que vamos atravessando com todas as suas tendências e com todas as suas aspirações**” [pp. 1-2].

CONTEXTO LITERÁRIO

No ensaio “O Combate Naturalista no Porto: revistas literárias”, considera-se ser uma “**ideia errónea de que a erupção do Realismo em Portugal está exclusivamente sediada em Lisboa**”. Os seus autores, Isabel Pires de Lima e Valdemar Cruz, defendem que “alguns dos parâmetros ideológicos” é que “ditarão uma atitude realista em arte”. E que a “**Escola Médico-Cirúrgica do Porto e a Academia Politécnica do Porto**” foram “**focos difusores do pensamento positivista e de uma certa mentalidade cientificista**” por onde passaram nomes como **Rodrigues de Freitas e Alexandre da Conceição**.

Prosseguem, dizendo “que as múltiplas e quase efémeras **revistas literárias que se publicaram no Porto durante a década de 70**” fizeram eco do interesse pelo “**fenómeno do Realismo e do Naturalismo**. Dentre elas **destacam-se** duas [...] – **A Renascença e o Museu Ilustrado**, dirigidas respectivamente por Joaquim d’ Araújo e **David de Castro** [colaborador d’ *A Renascença*], tendo ambas iniciado a publicação em 1878.” Afirmam que “**onde se tecem armas a favor do Naturalismo é n’ A Renascença**” mas que a maioria dos textos “se devem incluir na linha estética do romantismo social, do romantismo fantástico e mesmo, às vezes, ainda, do romantismo sentimental.”⁵

A ideia de **Escola do Porto** está subjacente no último número da “revista”, num texto não assinado e intitulado “Guilherme Braga I”, alvo de breve biografia e de algumas citações como “redactor da *Grinalda*” e que inclui uma gravura. Neste texto de debate, cita-se: “**Quando o bello panfleto de Anthero de Quental – Bom senso e bom gosto – proclamação dos direitos do homem da escola coimbran [sic], como lhe chamou recentemente um escritor distinto, cahiu como um raio sobre a pacatez banal do compadrio das gazetas do Poço do Borratém, havia muito já que no norte de Portugal se operava lentamente uma revolução**, posto que indefinida e vaga, contra ao modelos convencionais da **poesia pastoril de que o sr. Castilho era grão-sacerdote. A epopeia victor-hugana [Victor Hugo (1802-1885)] encontrára no Porto uma valente legião que a recebera com os braços abertos**, como quem recebe a boa nova.” (p. 158).

A multidisciplinaridade de conteúdos que se apresentam e debatem n’ *A Renascença* leva-nos a pensar nela não só como uma *publicação literária* mas também participativa nas áreas da **Imprensa de Divulgação Literária e Artística**.

COLABORAÇÕES

Dos seus inúmeros colaboradores, apenas detetámos **uma colaboradora, Maria Amália Vaz de Carvalho** (1847-1921), aqui já uma poetisa com trinta e um anos de idade, que publica um único poema, “Peccadora” (p. 147). Acrescentamos, como curiosidade, que “**a sua casa da travessa de Santa Catarina foi o último salão literário de Lisboa**. [...]” Este salão literário realizou-se durante 52 anos e, nele conviveram “**Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins**” e, a partir do seu casamento em 1874, o poeta **Gonçalves Crespo** – todos colaboradores d’ *A Renascença*.⁶

Sobre o último autor mencionado, encontrámos a seguinte referência: “O sr. **Teixeira de Queiroz** tinha antes escrito um **artigo biográfico de Gonçalves**

⁵ LIMA, Isabel Pires de, e CRUZ, Valdemar – “O combate naturalista no Porto: as revistas literárias”. In *Colóquio. Letras*, n.º 121/122 (Jul. 1991), p. 142-154.

⁶ “CARVALHO (Maria Amália Vaz de)”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 6, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, pp. 82-83.

Crespo para a revista litteraria A renascença, do Porto, acompanhado do retrato do poeta.”⁷

O género **Realismo** encontra-se pouco representado n' *A Renascença*, mas não podemos deixar de referir o pequeno poema **“Sardenta”** e **“Manhans Brumosas”** de **Cesário Verde** (p. 41, p. 155) e de **Guerra Junqueiro**.

Artigos de debate sobre **pensamento positivista e fisiologista** e que tocam a questão literária são escritos por **Pedro Amorim Viana** em “A Physica e a Metaphysica” (p. 4, pp. 41-42), **Júlio de Matos** em “Anarchia Mental”, **datado de 1879** (pp. 113-115), e **Lopes Praça** em “Movimento Scientifico (Historia e Philosophia da Historia de Portugal) I” (pp. 131-132).

A *Renascença* é uma **“revista” ilustrada por Alberto de Macedo**, com **8 gravuras** de escritores portugueses que, na sua maioria se biografam e criticam uns aos outros: **“João de Deus”** de uma fotografia do sr. Loureiro e texto de Teófilo Braga (pp. 5-8); **“Ramalho Ortigão”** de uma fotografia do sr. Emilio Biel e texto de Eça de Queiroz (pp. 17-22); **“João Penha”**, de uma fotografia do sr. Henrique Nunes e texto de Gonçalves Crespo (pp. 56-67); **“Theophilo Braga”**, de uma fotografia do sr. Fritz e texto de Ramalho Ortigão (pp. 72-75); **“Eça de Queiroz”**, de uma fotografia inglesa e outro texto de Teófilo Braga (pp. 93-98); **“Custodio José Duarte”**, de uma antiga fotografia e **texto de Alexandre da Conceição** (pp. 103-106); **“Gonçalves Crespo”**, de uma fotografia do sr. Fritz e texto de Teixeira de Queiroz (pp. 144-147); por fim, **“Guilherme Braga”** de uma fotografia do sr. Bastos e com texto não assinado (pp. 158-160).

Outras importantes colaborações e conteúdos: **Fialho de Almeida e Júlio Cesar Machado** na ficção, e **Joaquim de Vasconcelos, Martins Sarmiento e Rodrigues de Freitas** nas temáticas de História e Arqueologia.

Destaque ainda para: **Sérgio de Castro**, que publicou a única crónica jornalística intitulada **“Acção da Imprensa”** (p. 70); **Adolfo Coelho**, numa crítica literária (pp. 82-87) a um livro sobre Arqueologia de **Adolfo Filipe Simões** (também colaborador d'*A Renascença*); **Júlio Cesar Machado** na interessante crónica **“Traços”, na qual compara as tiragens de Garrett e dos folhetins de Lopes de Mendonça** (p. 111); e **Joaquim d' Araújo**, em **“As Novas Revistas Litterárias”** (p. 112), um importante estudo comparativo.

Destacamos uma outra ilustração na revista, **“O Cosinheiro”**, cujo autor não se conseguiu identificar, aliás, um “quadro” reproduzido por um português, **José Júlio Rodrigues**, **“que se dignou honrar este jornal com uma prova do trabalho das oficinas** que estão confiadas à sua ilustrada direcção”. O nome desta “reprodução” é o título do artigo e o alvo da **crítica de arte de Joaquim de Vasconcellos**, que refere, e nós citamos, “alguns dos processos mais curiosos da secção photographica, processos que exporemos pela ordem com que foram empregados: Photographia por intermedio do betume de Judêa, deposto sobre zinco delgado, e transporte posterior para pedra lithographica.

⁷ SILVA, Inocência Francisco da - “António Candido Gonçalves Crespo”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911, Tomo Vigésimo [sic], p. 353.

Redução pelo caoutchouc e transporte para zinco, que depois de gravado pelos ácidos, foi estampado typographicamente no prelo Voirin.” E termina com um **elogio à ciência que “substituiu a mão do artista para nos dar uma heliogravura typographica**, que não custa a decima parte do original” (pp. 11-12).

ESTRUTURA GRÁFICA

A Renascença, que na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa totaliza **160 páginas**, apresenta-se com **duas numerações: uma progressiva**, no canto superior direito, e **outra por fascículos** ou cadernos para impressão na tipografia (?), **num total de 24**, números que quase não se veem, impressos no canto inferior esquerdo das páginas.

A estrutura de *design* do título do periódico, em letra maiúscula de cor alaranjada em dimensão garrafal, assim como o seu único cabeçalho, é incipiente e não cativa o leitor. Sem anunciante nem referência a preço, a qualidade de *A Renascença* baseia-se na sua grafia e revisão cuidada, na sua dimensão de 31 cm e nas suas ilustrações, das quais já mencionámos as mais importantes.

Encontramos apenas mais alguns pequenos desenhos figurativos a preto e branco como separadores de textos e na **Letra Capital** ou Capitular **no início de todos os artigos**, a qual “é maiúscula, especialmente ornamentada e de grandes dimensões”. Acrescentamos que apenas a primeira é colorida, da mesma cor do título da publicação, no cabeçalho; todas as outras são a preto e branco. Como curiosidade, a letra capital foi usada pelos romanos em epígrafes e monumentos desde o século III a. C. até ao século VI d. C.”⁸

Estatisticamente, não contando com uma colaboração póstuma epistolográfica de **Alexandre Herculano** com “Os Inundados de Vallada 1 (Carta ao sr. Conde de Casal Ribeiro)”, datada de “Val-de-Lobos, 17 de dezembro de 1876” (p. 3), este jornal conta com cerca de **60 colaboradores literários**, metade dos quais publicaram apenas poesia mas a outra metade também colaborou com poesia. Geralmente, consideraram *A Renascença* uma revista apenas literária, classificação incompleta, na nossa opinião.

Helena Roldão
Lisboa, HML, 3 de Outubro de 2013

⁸ FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – “Letra Capital”. In *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008, p. 724.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

LIMA, Isabel Pires de, e CRUZ, Valdemar – “O combate naturalista no Porto: as revistas literárias”. In *Colóquio. Letras*, n.º 121/122 (Jul. 1991), p. 142-154.

RAFAEL, Gina Guedes, e SANTOS, Manuela (coord. e org.) - *Jornais e Revistas Portugueses do Séc. XIX*. Vol. II. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998-2002.

ARANHA, Brito – *Diccionario Bibliográfico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva* Lisboa: Imprensa Nacional, 1896.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008.